

Thomas Mann começou a trabalhar no *Tônio Kroeger* (completado em 1903), antes mesmo de ter sido aceito para publicação o manuscrito dos *Buddenbrooks* (1901), o primeiro êxito retumbante do escritor. Já em dezembro de 1900 se referia, em carta ao irmão Heinrich (também escritor de grandes recursos) a um plano de "novela, de caráter amargamente melancólico" e, algumas semanas depois, em outra carta, diz: "Quando chegar a primavera, terei atrás de mim um inverno de inaudito movimento íntimo... Mas uma coisa as minhas experiências muito pouco literárias, muito simples e muito vivas me provaram: e isto é que em mim ainda existe algo de honesto, cálido e bom, e não apenas "ironia"; que a maldita literatura ainda não tornou deserto, artificial e carcomido todo o meu íntimo! Pois literatura é a morte! Nunca chegarei a entender como é possível ser dominado por ela, sem odiá-la profundamente". (Na novela, Tônio Kroeger diz a Lisaweta Iwanowa: "Não me diga nada de vocação; literatura não é vocação nenhuma, e sim uma maldição!") Mas a "experiência muito pouco literária, muito simples e muito viva", que comoveu Thomas Mann, não é, conforme afirma na carta seguinte, "uma história amorosa, pelo menos não no sentido comum, e sim uma amizade, uma — ó admiração — amizade compreendida, correspondida, valiosa, a qual... em determinadas horas, e especialmente em momentos de depressão e solidão, adquire caráter um tanto sofredor".

Esta amizade, assim como o "caráter sofredor", adquirido em "momentos de depressão e solidão", constitui o cerne da novela *Tônio Kroeger*, em sensibilidade e emoções parente próxima dos *Buddenbrooks*. Hanno Buddenbrook sobreviveu à sua música e sua doença e depois se debateu com a maldição da literatura. Tônio Kroeger foi eleito pelo espírito da arte desde a mais tenra idade e, embora contra tal predição tentasse rebelar-se, não foi mais bem sucedido do que Hanno Buddenbrook. As duas personagens, assim como muitas outras em novelas e romances que as sucedem, são em

verdade máscaras do autor e giram em torno do problema de qual seja a posição mais indicada para um artista (e, mais especificamente, um artista do porte de Thomas Mann) na sociedade contemporânea, na vida, tal como ela se apresenta. Tônio Kroeger expressa a sua problemática particular já a partir da dualidade do nome, que indica a divisão íntima, decorrente da mistura do sangue que lhe corre nas veias (caso, aliás, do próprio Mann). Na novela, a dualidade é levada a aparente solução. O amor de Kroeger pela identificação com a vida "dos louros cabelos e olhos azuis", da qual se vê excluído como membro de um mundo espiritual, torna a sua obra mais produtiva. Pode abandonar-se a êste amor, mas apenas dentro da distância exigida pela contemplação. Assim revela a obra um conflito contínuo entre as existências opostas, a vida "dos louros cabelos e olhos azuis" e a "da arte pela arte". Tal conflito se torna aparente desde o momento em que Tônio quer ter por amigo seu loiro colega Hans Hansen. Tônio não o conquista para o seu mundo. Não lhe consegue fazer sentir aquilo que êle próprio sente ao ler o "Don Carlos" de Schiller, principalmente aquela cena em que o grande rei, o poderoso, violento e intransigente rei da Espanha chora, por ver-se traído pelo homem que amava e em que confiava. Mas ao leitor atento não foge o fato de que, intimamente, Tônio nem pretende chegar a uma identificação das emoções de Hans Hansen com as próprias. Sente-se atraído pelo colega talvez exatamente porque para êste Schiller e nem reis banhados em lágrimas têm a menor significação! Sente-se atraído pelo pólo oposto; é a existência intelectual, o espírito artístico que anseia pela vida primitiva, natural e, aparentemente, sadia.

Tônio Kroeger torna-se, com o passar dos anos, um escritor de sucesso. Aprende que "aquêle que mais ama é derrotado e tem de sofrer", e por isso tudo faz para tornar mais rijo o coração, mais sóbria a sensibilidade e adquirir a devida distância dos acontecimentos. "O artista deixa de sê-lo, no